

09620  
24/4/97 8  
540

**SELVAGERIA: Delegados divergem se planejamento do crime caracteriza se houve premeditação ou não na morte de Galdino**

# Para polícia, assassinato de índio foi planejado

Frentista confirma depoimento de menor, de que álcool foi comprado pouco antes do crime, e reconhece um dos acusados

Hugo Marques

BRASÍLIA. A Polícia Civil de Brasília está convencida de que o crime do índio Galdino Jesus dos Santos foi cuidadosamente planejado pelos cinco rapazes de classe média de Brasília, e procura agora um sexto garoto do grupo, chamado Otávio, que passou com eles na mesma madrugada de domingo. A polícia acredita que Otávio seja uma peça importante no inquérito, pois poderá esclarecer se o crime fora premeditado desde a saída no centro comercial Gilberto Salomão, no início da madrugada. O delegado-chefe da 1ª DP, Valmir Álvares, disse que o crime foi planejado, mas não está convencido de que tudo tenha sido premeditado para matar o índio.

A delegada Suzana Machado, titular da Delegacia da Criança e do Adolescente, que ouviu o único menor dos cinco, acha que o crime foi mesmo premeditado, o que comprova que o homicídio foi doloso (intencional) e não culposo, como alegam os advogados dos rapazes. A partir do depoimento do menor, a delegada Suzana disse, ainda, que quando retiraram álcool sobre Galdino, os rapazes não sabiam que era um índio.

— Depois de ver uma pessoa dormindo na parada de ônibus, eles foram ao posto de gasolina, compraram álcool, fingiram que precisavam de combustível para um outro carro, procuraram no próprio posto recipiente para colocar o líquido, pagaram em dinheiro e disseram que voltariam com o carro para acabar de abastecer. Eles compraram o produto usado no crime e identificaram com antecedência a vítima. Não foi um impulso. Tiveram tempo para pensar. Isso caracteriza premeditação. Sabiam os danos que o álcool que compraram poderia provocar. Para eles, foi uma brincadeira. Vão pagar caro por isso — disse a delegada.

A partir dos depoimentos, a polícia já sabe que os rapazes



O FRENTISTA ADAILTO Ribeiro da Silva aponta Antônio Novély Villanova, na foto de um jornal, como um dos cinco que compraram álcool no posto de gasolina

chegaram a procurar no lixo de um posto de gasolina os frascos para carregar os dois litros de álcool que queimaram o corpo do índio, pago através de uma "vaquinha". Ontem, o frentista do posto que vendeu o combustível, Adailto Ribeiro da Silva, foi ao Núcleo de Custódia e reconheceu Antônio Novély Villanova, filho de juiz federal, como um dos que comprou o combustível.

— O crime foi totalmente preparado pelos garotos. Já temos provas para fechar o inquérito — disse o delegado Valmir Álvares. O crime foi planejado a partir das 3h de domingo, quando os assassinos passaram em frente ao ponto de ônibus da quadra 703/704 Norte e viram o índio dormindo no banco do ponto de ônibus e depois foram ao Posto Cascol comprar dois litros de álcool.

O frentista Adailto Ribeiro da Silva disse que informou aos rapazes que o posto não tinha reci-

piente à disposição para colocar o álcool e que no lixo encontrariam alguma embalagem plástica. Eles vasculharam o lixo por quase cinco minutos e retiraram os dois litros plásticos vazios, as mesmas que a perícia técnica encontrou no local do crime.

Ontem, Adailto foi ao Núcleo de Custódia de Brasília, onde estão presos os quatro maiores de idade, e reconheceu Antônio Novély como um dos garotos. Adailto disse à delegada Sarley Soares

Prado que se lembrava do semblante dos garotos, mas que não queria fazer o reconhecimento de todos por não ter certeza absoluta. Os criminosos foram postos numa parede do Núcleo de Custódia separados uns dos outros, mas cada um deles junto com um grupo de outros presos que cumprem pena no local.

— O reconhecimento do Antônio Novély piora a situação dele como um dos envolvidos no crime e de nenhuma forma abranda

a situação dos outros envolvidos, pois há várias outras provas no inquérito — disse a delegada. A polícia chegou ao frentista a partir do depoimento do único menor preso. Mesmo com todo o planejamento do crime, Valmir Álvares ainda não está convencido da premeditação. Ele disse que o crime foi planejado friamente, mas que só seria premeditado se fosse decidido um ou dois dias antes, ou antes de sair do Gilberto Salomão. Ele, no entanto, afirmou que os garotos devem pegar pena de 30 a 34 anos de cadeia cada, por se tratar de um crime hediondo, com o agravante de corrupção de menor. Valmir Álvares recebeu várias denúncias anônimas, de jovens dizendo que ele morreria da mesma forma que o índio — queimado vivo — se assistisse nas investigações.

— Na hora em que eles despejaram o álcool dava para reconhecerem que era um índio. Eles mentiram. O cobertor foi um artifício para dizer que não sabiam quem estavam queimando. ■

Delegado diz que 'vaquinha' agrava o crime

O delegado disse que o fato deles reunirem moedinhas para comprar os dois litros de álcool é agravante da pena. Fizeram uma "vaquinha" e pagaram o combustível com uma nota de um Real, uma moedinha de dez centavos, uma de cinco e cinco moedas de um centavo, totalizando R\$ 1,20.

— Isto mostra que houve muito esforço para comprar o álcool. O que agrava é a frieza de amigalhar o dinheiro.

Valmir Álvares disse que vários outros pontos estão ainda nebulosos para a polícia. Os criminosos disseram que colocaram o álcool em cima de um cobertor que cobria o índio. Mas o delegado disse que não foi encontrado vestígio que comprovasse a existência de um cobertor, durante a perícia técnica. Valmir Álvares acredita que eles tenham notado que a pessoa dormindo no ponto de ônibus era realmente um índio.

— O reconhecimento do Antônio Novély piora a situação dele como um dos envolvidos no crime e de nenhuma forma abranda

o reconhecimento de todos por não ter certeza absoluta. Os criminosos foram postos numa parede do Núcleo de Custódia separados uns dos outros, mas cada um deles junto com um grupo de outros presos que cumprem pena no local.

— O reconhecimento do Antônio Novély piora a situação dele como um dos envolvidos no crime e de nenhuma forma abranda

o reconhecimento de todos por não ter certeza absoluta. Os criminosos foram postos numa parede do Núcleo de Custódia separados uns dos outros, mas cada um deles junto com um grupo de outros presos que cumprem pena no local.

— O reconhecimento do Antônio Novély piora a situação dele como um dos envolvidos no crime e de nenhuma forma abranda

o reconhecimento de todos por não ter certeza absoluta. Os criminosos foram postos numa parede do Núcleo de Custódia separados uns dos outros, mas cada um deles junto com um grupo de outros presos que cumprem pena no local.

— O reconhecimento do Antônio Novély piora a situação dele como um dos envolvidos no crime e de nenhuma forma abranda

o reconhecimento de todos por não ter certeza absoluta. Os criminosos foram postos numa parede do Núcleo de Custódia separados uns dos outros, mas cada um deles junto com um grupo de outros presos que cumprem pena no local.

## Brasília, a capital federal da carteirada

Ex-moradores do Plano Piloto lembram cultura do 'sabe com quem está falando?'

Em 1982, o Batalhão de Choque da PM de Brasília invadiu um sítio onde jovens de classe média alta se divertiam numa festa batizada de "Roconha", neologismo que unia rock com maconha. De chicote na mão, a primeira providência do comandante foi mandar que os filhos de militares ficassem de um lado e os demais, de outro, para a revista. Para o guitarrista Dado Villa-Lobos, do grupo Legião Urbana, que estava na festa, o episódio expôs a força da cultura do "sabe com quem está falando?" que atravessa gerações da capital federal, sustentando a sensação de impunidade.

Para Dado, que cresceu em Brasília nos últimos anos do regime militar, era normal "esses debates mentais pregarem as atitudes mais covardes, como bater em homossexual, em mulher, em mendigos e em minorias de um

modo geral". A forma como Dado, hoje com 31 anos, se refere a uma parcela da juventude bem nascida de Brasília não é gratuita.

Em 18 de junho de 1988, a apresentação do Legião no estádio Mané Garrincha acabou em confusão, com 60 detidos, 385 feridos e 64 ônibus depredados. Irritado com as agressões da platéia, o vocalista Renato Russo reagiu chamando a cidade de "babaca" e "fascista". A PM veio com cavalos, cachorros e bombas de gás lacrimogêneo. Nunca mais o Legião voltou à sua cidade natal, até porque a platéia já tinha feito o mesmo no show anterior, em dezembro de 1986, no ginásio Nilson Nelson, quando uma jovem morreu com as brigas na platéia.

— As pessoas não têm o que fazer em Brasília. Quando não buscam uma alternativa saudável, como estudo, esportes ou artes,

não se informam. Há a impunidade, a carteirada. No Plano Piloto, todos se consideram poderosos e impunes. Isso induz a juventude a um tipo de vida que o Legião sempre combateu — diz Dado.

Ele compara Brasília a um grande condomínio de luxo e vê semelhanças entre as gangues da capital e os jovens de condomínios abastados. Segundo Dado, Brasília influenciou a produção do Legião Urbana. Músicas como "A Dança" foram inspiradas no ritmo ensandecido dos jovens brasilienses: "Você é tão moderno./ Se acha tão moderno./ Mas é igual a seus pais./ Mas a vida deixa marcas./ Tenha cuidado se um dia você dançar". A letra é de Renato Russo.

A cantora Cassia Eller, que também viveu em Brasília na sua juventude, diz que ficou horrorizada, mas não surpresa:

— Foi horrível, mas não é a primeira vez que ouço falar disso. Lá pelos idos de 1988, quando morava em Brasília, um rapaz de 17 anos me disse que saía para queimar mendigos na rodoviária. Aquilo me chocou. Ele era filho de uma bailarina famosa e um músico. E dizia que odiava mendigos e nordestinos.

Para Cassia, fatos como o do assassinato do índio pataxó são um sintoma de um problema que as cidades grandes criaram:

— É coisa de menino que vive em condomínio, que não tem contato com o mundo. Acha que tem de matar para limpar a sociedade. Esses mauricinhos do Plano Piloto são filhos de gente de costas largas, de classe média para cima. Aham que nordestino só serve para ser peão. Este pessoal tem superproteção dos pais e perde contato com a realidade. ■

## Em Brasília tramitam sete mil processos contra menores

Maioria é pobre e furta para comprar drogas

BRASÍLIA. Faixa etária de 14 a 16 anos, baixa escolaridade (no máximo até a 5ª série), usuários de drogas (passaporte para o mundo do crime, pois começam fazendo pequenos furtos para obtê-las), pais separados e renda familiar baixa. O perfil dos menores infratores internados em centros de recuperação de Brasília, cidade com uma das maiores rendas per capita do país, é a mesma do restante do país. Apenas a minoria desses adolescentes pertence à classe média, como o menor que participou do crime contra o índio pataxó no último domingo.

O Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje), onde está internado o menor cúmplice na morte de Galdino Jesus dos Santos, tem hoje em seus alojamentos 180 adolescentes, sendo 105 já sentenciados e o restante aguardando sentença.

— A família dele (do menor que participou do crime) é abastada, investiu no adolescente, deu escola, roupa, o privilégio de um carro no fim de semana. Mas em algum momento ficou ausente em sua formação. É uma tragédia — analisa o diretor do Caje, Paulo Reis.

O menor divide um quarto com outro rapaz, acusado de furto. Tem bom comportamento, segundo Reis, não está sendo hostilizado, mas aparenta medo. Na Vara da Infância e da Juventude de Brasília tramitam hoje sete mil processos contra menores.